

O Teatro e a Vida

Rubem Braga

DEU-SE o presidente Costa e Silva ao trabalho de ler uma peça de teatro, mandar fazer cópias do texto e distribuí-la entre seus ministros — para mostrar se era possível permitir que aquilo fôsse representado. Acredita sinceramente o Presidente que está defendendo a opinião ou, digamos, os sentimentos da maioria dos brasileiros, ao dar mão forte à censura.

Tônia Carrero explicou muito bem outro dia, na televisão, que o público do teatro, no Rio, não deve ser confundido com a população. Não abrange mais de 50 mil pessoas, e é composto de gente que pode dispor de 7 cruzeiros novos para pagar uma entrada. Os excessos, de linguagem ou outros, podem ser lamentáveis, mas é difícil conceber que sejam dâmosos. Vai ao teatro quem quer, e pode.

Que em alguns casos se limite a frequência aos maiores de idade, se entende. A melhor censura será sempre a feita pelo próprio público. O censor oficial tem a inevitável propensão de censurar demais; inevitável, porque êle teme ser culpado de uma liberalidade que pode parecer inadmissível aos seus superiores. Em caso de dúvida — cortar! Agora mesmo vemos em Brasília êsse ridículo infinito: o censor proibiu referências ao sr. Juscelino Kubitschek em uma peça e também que se cantasse o «Peixe Vivo»...

Cuide o sr. Presidente da República de outras coisas, mande acabar com a censura teatral ou fazer com que ela preserve apenas a discutível inocência dos menores, e não se arrependará. Não perca tempo em ler peças, e acredite que não é proibindo peça que se defenderá a família brasileira.

Moro, sr. Presidente, junto a um dos morros do Rio, e está êle cheio de famílias: vejo-as da janela de meu quarto. São essas mulheres que sobem o equivalente a 25 andares com lata d'água na cabeça. São essas crianças magrelas e barrigudas que saltam pela perambeira, são gente amontoada em barracos exíguos... Aqui não há censura para os palavrões que tantas vezes invadem meu quarto, e que as crianças e donzelas ouvem dia e noite; nem há censura para os enredos mais melancólicos da vida — a prostituição, a mendicidade, o furto, o assalto a mão armada...

Anteontem à noite houve um crime de morte. Ouvi tiros, cheguei à janela, vi um vulto que se afastava. O outro, o que ficou imóvel, só consegui enxergá-lo quando velas piedosas vieram iluminá-lo na ribanceira. A Assistência levou umas duas horas para chegar, e encontrou o homem morto. O rabeção levou seis horas para vir recolher o morto. Não era, provavelmente, um grande patriota: era, ao que me dizem, um assaltante que um operário, sua vítima, liquidou por vingança. Em uma só semana outros três crimes de morte houve nesse morro, e não sei que outros crimes e tristezas terá havido.

Não há censura alguma para a promiscuidade, o abuso da força, a maldade, a ignorância, a sujeira, a miséria, a concupiscência, a corrupção. Só uma vez ou outra, de raro em raro, policiais e militares armados, cercam o morro, com um aparato tremendo, levam de cambulhada criminosos e inocentes, berram palavrões perfeitamente iguais aos que sempre ouvimos — e lamentam dizer que nem sempre dão aulas de equidade e distinção... Depois tudo volta a ser como antes. Vale a pena censurar o teatro, sr. Presidente?

DN - 21. 3. 68